



DO ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO À ANÁLISE DE DISCURSO: PANORAMA HISTÓRICO

Guilherme Benedito Pereira da Silva¹
Liliane Rodrigues de Albuquerque Alvim²
Mayara de Oliveira Nogueira³

RESUMO:

O artigo que tem em mãos busca apresentar ao leitor uma breve introdução aos caminhos que os estudos linguísticos traçaram até chegarem aonde hoje conhecemos mais popularmente como Análise de Discurso de linha francesa. Iniciando nossa caminhada nos estudos estruturalistas, passaremos pelo gerativismo e, então, ao funcionalismo, onde focaremos em sua vertente desenvolvida, primeiramente, por Michel Pêcheux e a importância que esta alcançou no Brasil a partir do seu desenvolvimento no país.

PALAVRA-CHAVE:

Panorama histórico;
Análise de Discurso;
Michel Pêcheux;

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES), com pesquisa fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: silva.guilhermep@gmail.com ORCID: 0000-0001-6100-1101

² Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES), especialista em Educação e Direitos Humanos também pela UFES (2017), especialista em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Espírito Santo - IFES (2012). E-mail: lilianealvim@gmail.com ORCID: 0000-0001-8428-7632

³ Advogada e Linguista. Professora universitária. Pós-doutora em Linguística (PPGEL/UFES). E-mail: nogueiradv@hotmail.com ORCID: 0000-0003-2048-9088

1 Introdução

No presente artigo o leitor entra em contato com os caminhos da linguística através dos campos que receberam mais destaque ao longo de seu desenvolvimento, passando pelo estruturalismo, o gerativismo e, enfim, chegando ao funcionalismo e suas vertentes, por meio de seu desenvolvimento, suas tensões e cisões. Em seguida, nós nos voltamos para a Análise de Discurso de linha francesa fazendo um apanhado das principais ideias que se desenvolveram a partir de Michel Pêcheux (1938 – 1983), seu fundador, para, enfim, fazermos um breve comentário sobre sua situação atual no Brasil. Não faz parte dos nossos objetivos esgotar os temas aqui abordados, mas sim oferecer ao leitor uma aproximação a caminhada que nos leva a compreender a origem das características fundantes da AD e seu contexto atual no Brasil.

2 Breve panorama histórico da Linguística no século XX

A linguagem tem papel central na vida do homem. Através dela o ser humano se comunica, produz arte, conhecimento e poder. Pela linguagem conhecemos o mundo e nos comunicamos com o outro. Pela linguagem falamos e falamos de nossa própria fala.

O interesse humano pela linguagem remonta à Grécia antiga, mas é com o surgimento da linguística, inaugurada no começo do século XX, que a curiosidade humana pela linguagem passa a ter a forma de uma ciência, com objeto e métodos próprios (ORLANDI, 2013).

Neste contexto, duas tendências principais e conflitantes irão atravessar a história do pensamento linguístico: a formalista, que observa a relação entre língua e pensamento e se ocupa do psíquico da linguagem ao observar a relação entre linguagem e pensamento, na busca do que é universal, constante, único. A outra tendência é o sociologismo, cujo interesse de estudo está no percurso social que abarca a relação entre língua e sociedade; e busca o múltiplo, o diverso, o variado (ORLANDI, 2013).

Encontraremos na linguística do século XX um tensionamento semelhante à épocas anteriores entre os focos “universalista” e “particularista” quando se trata da abordagem dos fenômenos de língua e linguagem. A tensão aparece tanto nas dicotomias de Saussure (langue/parole; significado/significante) quanto nas de Chomsky (competência/desempenho; estrutura profunda/estrutura de superfície). Em ambos os casos o objeto da linguística se define pela direção do elemento que é

abstrato, universalista, sistêmico, formal (a *langue* para Saussure, a competência para Chomsky). Os dois teóricos, Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, grandes figuras da história da linguística, serão duramente criticados por linguistas e filósofos da linguagem que irão dedicar seus esforços ao funcionalismo e à abordagem pragmática de uso da língua. Serão criticados, ainda, por defensores da língua como atividade social, submetida à ideologia (WEEDWOOD, 2002). Segundo Mussalim e Bentes (2011, p. 58), “provavelmente, nenhuma outra escola linguística, até Saussure, tinha afirmado com tanta força a separação entre a dimensão individual e a dimensão social do funcionamento da linguagem”.

Também surgirão no século XX campos de investigação que ultrapassam o chamado “núcleo duro” da linguística, avançando para níveis interdisciplinares, em intersecção com a filosofia, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a semiologia etc. O termo estruturalismo tem sido empregado como um rótulo de qualificação para diferentes escolas do pensamento linguístico, assim, é preciso atentar às diferentes implicações que ele tem a partir do contexto em que é utilizado. Torna-se conveniente, pois, traçar uma distinção ampla no que diz respeito ao estruturalismo europeu e o americano (WEEDWOOD, 2002).

De acordo com Weedwood (2002) a corrente estruturalista na Europa é iniciada em 1916 com a publicação póstuma do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure. Ainda de acordo com a mesma autora (Weedwood, 2002, p. 126-127) “muito do que hoje é considerado como saussuriano pode ser visto, embora menos claramente, no trabalho anterior de Humboldt”. A obra não foi escrita por Saussure, mas por alguns de seus alunos da Universidade de Genebra, que disseram ter utilizado as anotações das aulas que participaram. De acordo com Mussalim e Bentes (2011) os redatores do livro, Bally, Riedlinger e Sechehaye espalharam a ideia de que os materiais utilizados por Saussure eram destruídos depois das aulas, algo que posteriormente foi desmentido. Por conta disso, uma aura de dúvida acompanhou a publicação, colocando em xeque se ela expressava o verdadeiro pensamento do mestre. Por muito tempo, várias décadas após a morte de Saussure, diversas obras foram lançadas procurando recuperar as “fontes” do Curso.

Dentro do exposto, a teoria estruturalista de Saussure se concentra em duas dicotomias: *langue* (língua) em oposição a *parole* (fala) e forma em oposição a substância. O termo *langue* pode ser compreendido por sistema linguístico e representa as regularidades e padrões de formação subjacentes aos enunciados linguísticos; e *parole*, cujo termo pode ser depreendido como “comportamento linguístico” designa os enunciados reais (WEEDWOOD, 2002).

Neste contexto, o estruturalismo, em um escopo europeu, se refere à percepção de que há uma estrutura relacional abstrata subjacente que deve se distinguir de enunciados reais e que subjaz a comportamentos reais. Essa estrutura relacional abstrata é objeto do linguista (WEEDWOOD, 2002).

Outro aspecto relevante da obra de Saussure são as duas abordagens que propõe para o estudo das línguas, a sincrônica, em que o foco se encontra em um momento específico, que não precisa necessariamente ser o presente, e a diacrônica, que leva em consideração o desenvolvimento da língua ao longo do tempo.

São escolas importantes de linguística estrutural europeia da primeira metade do século XX a Escola de Praga (corrente formalista), tendo como expoentes Nikolai Sergeievitch Trubetzkoy e Roman Jakobson, e a Escola de Copenhague (glossemática), com Louis Hjelmslev e John Rupert Firth. (WEEDWOOD, 2002)

O estruturalismo europeu e o americano compartilharam bastante características. Ambos insistiam na necessidade de perceber cada língua como um sistema mais ou menos coerente e integrado. Esses linguistas perceberam a falta de comparação das línguas individuais que existia na época - no contexto em que a linguística americana se desenvolveu, final do século XIX, diversas línguas indígenas nunca tinham sido descritas - havia a necessidade desse registro antes que essas línguas se extinguissem (WEEDWOOD, 2002). De acordo com Mussalim e Bentes (2011, p. 77) “[...] entre os interesses que marcaram o estruturalismo americano costuma-se incluir o projeto dos linguistas desse período de descrever exaustivamente as línguas indígenas do continente”. Ainda segundo as autoras (2011), esses pesquisadores sentiram comprometidos a realizar uma tarefa que era “[...] eminentemente descritiva” (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 77).

De acordo com Mussalim e Bentes (2011), no final dos anos 60 o estruturalismo americano dava sinais de esgotamento. Na Europa, sinais semelhantes eram percebidos a partir de revisões ou ataques abertos que apontavam que a teoria estruturalista desconsiderava aspectos dos fenômenos linguísticos que eram fundamentais para o seu entendimento. Ainda segundo as mesmas autoras (2011) Benveniste foi um dos que propunha uma revisão. Apesar de seu trabalho ter tido o foco no aperfeiçoamento e divulgação do projeto saussuriano, ele criticava no estruturalismo o negligenciamento do papel essencial que o sujeito desempenha na língua, a partir dos diferentes papéis que ele assume como falante na interlocução. Uma das críticas, que figurou como uma seção da sua obra Problemas de linguística geral (publicada em 1966, reúne produção de aproximadamente 30 anos) em que mostrava que algumas estruturas centrais em todas as línguas não fariam sentido se a língua fosse descrita sem referência à fala bem como ao lugar dos falantes na

interlocução. Mussalim e Bentes (2011, p. 81-82), afirmam que outra ressalva à Saussure teria partido de Eugenio Coseriu e se referia à distinção entre sincronia e diacronia, pois “a possibilidade de delimitar uma sincronia é, até certo ponto, uma ficção, pois a todo momento, em qualquer língua, convivem mecanismos gramaticais e recursos lexicais que são fruto de diferentes momentos da história”.

A partir do fim dos anos 60 as críticas ao estruturalismo partiram também, e de maneira menos amistosa, de Michel Pêcheux, cuja epistemologia seria conhecida na década seguinte por “análise do discurso”. De acordo com Mussalim e Bentes (2011) Pêcheux criticava que a linguística saussuriana, ao retirar-se do campo da *parole* “teria transformado todos os fenômenos textuais e semânticos numa espécie de terra de ninguém”.

Ao descartar a fala como objeto científico, Saussure teria destruído simultaneamente a) a possibilidade de uma linguística textual b) a possibilidade de uma análise científica do sentido dos textos. A força dessas críticas, depende, é claro, de onde exatamente é traçado o limite entre *langue* e *parole*; mas em 1969 [...] era mais ou menos consensual que a linguística deveria tratar apenas de objetos linguísticos estruturados por relações de conexão sintática (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 81-82).

Conforme Mussalim e Bentes (2011), Pêcheux criticava, também, a representação estruturalista equivocada acerca da liberdade linguística. Na sua opinião, isso acontecia quanto aos níveis inferiores (fonemas, morfemas), porque há neles liberdade ou, ao menos, criatividade. Essa representação era falsa para ele, também, quanto aos enunciados de um discurso, pois estes se configuram como anômalos ou aceitáveis por meio das condições ideológicas em que são produzidos e recebidos; e a ideologia exige a consideração das formações sociais, onde a significação não é individual (como na *parole*) nem universalmente compartilhada (como na *langue*). Para Pêcheux, o estruturalismo teria usado uma ideia de liberdade individual (ao representar as unidades de discurso da *parole* como criações livres), sem levar em conta a prática social; o que produzia um mascaramento ideológico.

Ao ter se voltado a uma análise que se esgotava nas características internas da própria linguagem - concebida como sistema -, e tratar da significação sem considerar os fatores ideológicos e políticos, ou seja, a história, o estruturalismo foi muito cobrado na época pela análise do discurso, e essas cobranças tiveram grande impacto. Como afirmado por Mussalim e Bentes (2011, p. 83) “não se tratava mais de revisão: a crer na análise do discurso, o estruturalismo sofria de um vício capital incontornável”.

Foram então percebidos como problemas três traços do estruturalismo que já vinham sendo criticados em outras áreas do conhecimento: seu caráter anti-historicista, anti-idealista e anti-humanista. Esses traços são inerentes ao

estruturalismo enquanto atitude filosófica, e não há como negá-los (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 83).

Em 1957, a partir das ideias de Noam Chomsky, professor de linguística do MIT, surge o conceito de gramática gerativa, que procurava fornecer um conjunto de “regras totalmente explícitas” (TRASK; MAYBLIN, 2013, p. 38) no governo da construção das sentenças. A ideia chomskyana de gramática gerativa foi introduzida em sua obra *Estruturas Sintáticas*, publicada em 1957. Sua teoria surgiu da tomada de métodos formalistas de Harris (linguista americano – 1909-1992) combinados com algumas ideias da matemática e da linguística (TRASK e MAYBLIN, 2013). “O resultado foi uma nova abordagem impressionante à descrição e ao estudo das línguas e, especialmente da estrutura das sentenças (sintaxe) (TRASK e MAYBLIN, 2013, p. 38)”. De acordo com Weedwood (2002), Chomsky demonstrou que a forma com que eram praticadas as análises sintáticas da frase até aquele momento eram inadequadas pois não levavam em conta os níveis superficial e profundo da estrutura gramatical. A gramática gerativa, neste contexto, se distanciava de forma radical do estruturalismo e do behaviorismo de décadas anteriores. De acordo com as mesmas autoras “Chomsky comandou desde então uma revolução científica que atingiria em cheio o estruturalismo americano, atacando seus princípios mais fundamentais” (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 84).

Chomsky traçou uma distinção fundamental (semelhante à dicotomia *langue-parole* de Saussure) entre o conhecimento que a pessoa tem das regras de uma língua e o uso efetivo desta língua em situações reais. Àquele conhecimento ele se referiu como competência (*competence*) e ao uso como desempenho (*performance*). A linguística, argumentou Chomsky, deveria ocupar-se com o estudo da competência, e não restringir-se ao desempenho – algo que era característico dos estudos linguísticos anteriores em sua dependência de amostras (ou corpora) de fala (por exemplo, na forma de uma coleção de fitas gravadas, inadequadas porque só podiam oferecer uma fração ínfima dos enunciados que é possível dizer numa língua; também continham diversas hesitações, mudanças de plano e outros erros de desempenho (WEEDWOOD, 2002, p. 133).

A mudança traçada por Chomsky com a dicotomia entre competência e desempenho se refere ao conhecimento das regras pelo falante e o uso social, portanto, concreto, da língua (WEEDWOOD, 2002).

É nesta cena que a partir dos anos 60 a linguística descritiva americana passa a perder a posição de prestígio que havia vivenciado por conta do surgimento da linguística chomskyana. (MUSSALIM; BENTES, 2011). “[...] A linguística chomskyana é em si mesma um capítulo fascinante da história das ideias; suas realizações são tão

amplamente reconhecidas que as resistências e as polêmicas que lhe foram opostas [...] aparecem, hoje, como um episódio menor (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 85).

Algumas escolas rivais do gerativismo surgiram, como a tagmêmica, sistema desenvolvido por Kenneth L. Pike e colaboradores; a gramática estratificacional, desenvolvida nos Estados Unidos pelo linguista Sydney M. Lamb e a Escola de Praga, com a teoria de M. A. K. Halliday, a linguística sistêmica, onde a gramática é vista como uma “rede de sistemas”, em que a atenção se volta a aspectos semânticos, pragmáticos e de entonação (WEEDWOOD, 2002).

A partir do desenvolvimento da linguística ao longo da história, mudanças no ponto de vista e forma de fazer pesquisa aconteceram. “Aos poucos, desconsideração da teoria gerativa desencadeou o surgimento de várias tendências, como a Sociolinguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, entre outras (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 166).

A teoria funcionalista é uma dessas tendências, mas é ilusório pensar que, como elas, seu surgimento tenha sido tão recente. O que houve, na realidade, foi uma reatualização de seus princípios. O paradigma funcional ostenta, na verdade, uma história quase tão longa quanto a do paradigma formal, incluindo-se neste o estruturalismo saussuriano (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 166).

Dentro do exposto, o funcionalismo apresenta alguns conceitos importantes que o divergem do formalismo (cf. BOOLFELD, 1978; CHOMSKY, 1980), como a concepção de uma linguagem que é forma de comunicação e interação social, e um objeto de pesquisa que se baseie no uso real, ou seja, sem separar sistema e uso, como ocorria com o estruturalismo de Saussure e a teoria gerativa de Chomsky (MUSSALIM; BENTES, 2011). De acordo com Trask e Mayblin (2013, p. 43) a abordagem funcional procura “[...] determinar a que propósitos a língua está servindo e que formas linguísticas estão disponíveis para isso”. São “[...] abordagens que focam mais diretamente no que as pessoas estão tentando fazer quando falam e como fazem” (TRASK; MAYBLIN, 2013, p. 43).

O funcionalismo “[...] apresenta diversas vertentes, todas, porém, com uma base comum: a de que uma análise linguística deve levar em conta a interação social” (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 176). Segundo Orlandi (2013, p. 24), “[...] o objetivo do funcionalismo é considerar as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos, sob quaisquer de seus aspectos: fônicos, gramaticais e semânticos”.

Assim, no transcorrer do desenvolvimento da linguística aconteceu a passagem da teoria descritiva, o estruturalismo, para uma teoria explicativa, o gerativismo. A

posição de uma teoria crítica da produção da linguagem não estava até então ocupada, e é assumida pela análise de discurso (europeia) (ORLANDI, 2013).

Após traçarmos um breve panorama da linguística no século XX, percorrendo de maneira sintética do estruturalismo ao funcionalismo, na próxima seção abordaremos também de forma concisa a história e as ideias centrais da análise materialista de discurso, de linha francesa, de Michel Pêcheux.

3 Análise de Discurso: percurso histórico e ideias centrais

Michel Pêcheux, considerado o fundador da Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), nasceu em 1938 na cidade de Tours e faleceu em Paris em 1983. Foi um filósofo de formação e, nos anos 60, começou a estudar e produzir seus escritos a partir do Laboratório de Psicologia Social pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) da França, onde conheceu sua principal influência, Louis Althusser, e grande parte de amigos que viriam a percorrer os caminhos do discurso ao seu lado, como Paul Henry e Michel Plon (MALDIDIER, 2003). É a partir dos encontros com Althusser que Pêcheux começa a pensar o discurso a partir de três áreas que, até então, não haviam conversado entre si da mesma maneira que a proposta feita por ele: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

A AD surge no início dos anos 60, constituída a partir de questões provenientes da relação entre as áreas citadas anteriormente. Sua constituição causa, ao mesmo tempo, uma ruptura com o século XIX (ORLANDI, 2020, p. 17). Ela toma o discurso como objeto próprio, com interesse no estudo da língua em funcionamento para a produção de sentidos, considerando para análise não apenas a frase, como também o texto (ORLANDI, 2020). De acordo com Figueira (2015, p. 19), “[...] os anos iniciais de sua constituição remetem às décadas de 1960 e 1970. Costuma-se adotar o ano de 1969 como marco inaugural de sua existência, devido à publicação, por Michel Pêcheux, do artigo ‘Análise automática do discurso’ (AAD-69)”. Segundo Pêcheux

A análise do discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro. “Não se trata de uma leitura plural em que o sujeito joga para multiplicar os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura em que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e responsável pelo sentido que lê” (PÊCHEUX, 1999, p. 10)

Santos (2013, p. 210) afirma que “a AD passa a considerar ‘o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção’ (Brandão, 1998:19)”. Orlandi (2020, p. 15-16) assevera que

A análise de conteúdo [...] procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? [...] Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade.

De acordo com Orlandi (2020, p. 17) “nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento”. Ainda segundo a mesma autora (2020), a materialidade, ao reunir estrutura e acontecimento, é percebida como acontecimento do significante (língua) em um sujeito (do discurso) que é afetado pela história.

Assim, para a Análise de discurso:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2020, p. 17-18)

Ao passo que Pêcheux desenvolve uma teoria da análise de discurso, é compreendido por ele que a inserção da história na linguística como ponto balizador da linguagem seria contestada, muito mais pelo fato desta aproximação ser de base materialista (PÊCHEUX, 2014, p. 78). Pêcheux esclarece que o domínio da linguagem é o mesmo para todos nós, mas que ela não se materializa da mesma forma a partir de cada um, assim, ele diz que

o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que se dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não se dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses

diversos personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos diferenciados. (PÊCHEUX, 2014, p. 81)

Pêcheux ainda explica que mesmo que haja a tentativa de isolar a língua de seu contexto, isto não será possível, pois a língua é afetada por este contexto, que Pêcheux classifica, de maneira mais complexa, como “relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 2014, p. 82).

O conceito de ideologia em Pêcheux deriva dos escritos de seu orientador, Louis Althusser, mas principalmente de seu escrito *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Ao contrário do estruturalismo que define os sentidos das palavras de forma única a cada uma delas, na AD o sentido será definido a partir do sujeito, da ideologia pela qual ele é interpelado e da história. Para a AD, o sujeito não é o ponto de origem do discurso e nem aquele que define o significado da palavra, e, como nos diz Orlandi, ao se considerar marco zero de suas ideias, o sujeito demonstra o bom funcionamento da ideologia, em outras palavras, “a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência de sentido (o sentido-lá) e impressão do sujeito ser a origem do que diz.” (ORLANDI, 2020, p. 46).

Pêcheux explica que existem dois tipos de ideologia, uma com letra maiúscula e outra minúscula, mas suas diferenças não são somente a respeito da grafia. A ideologia (com inicial i minúsculo) é aquela que se forma a partir da história, da luta de classes, como a ideologia neoliberal, a ideologia da esquerda radical, a ideologia colonialista etc. Já a Ideologia (com inicial i maiúsculo) seria algo que sempre existiu e não foi criado a partir da história, ela se trata da estrutura mas não da classe dominante, é aquilo que faz do indivíduo sempre um sujeito ideológico (PÊCHEUX, 2014, p. 137-138).

É a partir da noção de sujeito e ideologia que Pêcheux vê a pertinência do conceito de inconsciente da psicanálise para a análise de discurso. No caminho do desenvolvimento da AD, mais precisamente após o que Pêcheux denomina de 2ª época da AD, Pêcheux avalia que a interpelação do sujeito pela Ideologia e a história causa ao sujeito uma certa inevitabilidade quanto ao que poderia deslizar ao alcance delas. Devido a isso, entra em cena o papel do discurso outro da psicanálise, ou seja, o inconsciente, que mostra que o sujeito também é composto pela falha, aquilo que a ideologia deixa escapar (PÊCHEUX, 2014, p. 277). Segundo Santos (2012, p. 45), por Pêcheux desenvolver a análise do discurso com uma base em diferentes áreas do conhecimento, ele

ocupa um lugar original dentro dos estudos linguísticos, tendo em vista que não se opõe simplesmente a um sujeito intencional, egóico, mas o situa através do assujeitamento como sujeito ideológico e afetado pelo inconsciente, e o faz relacionando esse sujeito à materialidade específica da língua.

Tamanho foi sua influência que os estudos do discurso de Michel Pêcheux tomaram rumos para além do alcance do próprio autor, inclusive no Brasil, como veremos em seguida.

4 A AD no Brasil, hoje

Ao pensarmos sobre o estabelecimento e a disciplinarização da AD no Brasil, é impossível não pensarmos em Eni Orlandi. Considerada como a responsável por iniciar o caminho da AD no Brasil, a autora conta que a introdução da teoria, ainda nos anos 80, não se estabelece sem tensões no campo da linguística.

Na contramão, há aqueles que, incompreendendo a relação da análise de discurso com a linguística (relação que é de “pressuposição”) pretendem “preservar”, tal qual, a linguística – e os formalismos dominantes - e há os que, inscritos na filiação linguístico-discursiva, como eu, partindo da linguística e reconhecendo/deslocando o corte epistemológico saussuriano (M. Pêcheux, 1971), procuram compreender a relação entre a linguística e a análise de discurso no quadro das relações de entremeio, elaborando suas contradições (ORLANDI, 2005).

Hoje, a Análise de Discurso já não trava mais a batalha com linguistas mais conservadores e o estigma que um dia teve de se ater somente a discursos políticos já não lhe afeta mais (FERREIRA, 2003), pois a AD está presente em pesquisas de diversas áreas das ciências humanas, a partir do

campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem-terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua) (FERREIRA, 2003).

Pêcheux, em seus últimos anos de vida, pontuou sobre a necessidade dos analistas do discurso não se aterem a conclusões que o leitor médio poderia fazer por si mesmo, era preciso estar atento a heterogeneidade do discurso (PÊCHEUX, 2009).

Como mencionamos anteriormente, hoje a AD se encontra, então, em um momento que Pêcheux já havia indicado, não se atendo somente ao discurso político e com pesquisas com corpora formados por discursos de diversos formatos.

A seguir, nos encaminhando para nossas últimas considerações, refletiremos por um momento sobre a linha histórica que traçamos neste artigo.

5 Considerações Finais

Ao observarmos a trajetória da linguística desde a sua fundação estruturalista com Ferdinand de Saussure até o desenvolvimento da Análise de Discurso com Michel Pêcheux, podemos afirmar que não existem teóricos que se encaixem no famoso chavão “homem à frente de seu tempo”. Os campos que foram se formando ao longo da história da linguística são elaborados de forma cumulativa, mesmo havendo rupturas e reformulações, pois o objeto dos estudos linguísticos continuam sendo a língua e as críticas que derivam uns dos outros, os quais são integrantes de tal movimento.

As contínuas reformulações e adições que podemos observar em Chomsky e Pêcheux, por exemplo, em suas respectivas teorias, nos mostram que a história da linguística também é sobre sermos confrontados com diferentes pontos de vista e refletirmos sobre a relevância de nossas ideias, mas mantendo em mente que é necessário “ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2014, p. 281).

Referências

- BLOOMFIELD, Leonard. Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**, v. I: Concepções gerais da teoria linguística. São Paulo, Global, 1978.
- CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Revista Letras**; Espaço de Circulação de Linguagem. Universidade Federal de Santa Maria, n°. 27, 2003, p. 39-46.
- MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux Hoje**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes. 2003.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (org). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ORLANDI, E. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.) **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 75-88.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

PÊCHEUX, M. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Christina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EDUFSCAR, 2009

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. **Revista Escritos**. Unicamp, número 4, 1999.

SANTOS, Kária Aleksandra dos. Análise do discurso e psicanálise: diálogos possíveis. **Interfaces**, Guarapuava, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/1668. Acesso em: 4 dez. 2021.

TRASK, R. L.; MAYBLIN, Bill. **Entendendo Linguística: um guia ilustrado**. Tradução de Ana Carolina Gasonato. São Paulo: Editora LeYa, 2013.

WEEDWOOD, Barbara. **História Concisa da Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.



From Linguistic Structuralism to Discourse Analysis: a historical overview

ABSTRACT:

This article aims at presenting to the reader a brief introduction to the paths that the linguistic studies took until they arrived where today we know best as French Discourse Analysis. Beginning our journey in structuralism, we go through generativism and then functionalism, where we finish focusing on its branch first developed by Michel Pêcheux and the level of importance that it reached in Brazil derived from the development of the field in the country.

KEYWORDS:

Historical overview;
Discourse Analysis;
Michel Pêcheux;